N.º 52 (174) — 4.º ANNO

Terça-feira, 7 de Novembro de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida).40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUÃO» Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º—Lisboa

O COVEIRO DO DIRECTORIO

HAMLET — De quem serão estes desposjos?
COVEIRO — E' a caveira de José Estevão...
HAMLET — Pobre José Estevão! Quantas vezes morrerias tu, se ouvisses no Congresso, a eloquencia fecunda do coveiro, d'aquelle cadaver que alem vem!...

A União

Drama em 3 actos de Fulano de Tal

1.° acto 1.° quadro

Passos perdidos

«O Sr. Machado Santos»—(a meia voz)—Ahi vem elle. (alarga as ventas, encrespa a testa, puxa do fundo um escarro pequenino e zás na cara d'um outro que passa).

«O outro»—Ah! seu pulha. Isso não se faz assim. Porque eu não me damno com o você me querer escarrar na cara. Damno-me com o senhor ser um mediocre escarrador. Oiça e aprenda. Quando alguem quer cuspir noutro, avança lepidamente, puxa lá bem de dentro uma lôstra esverdeada e á distancia de 25 centimetros da cara do adversario expelle o contheudo da sua bocca.

E se não lhe dou um sôcco...

«O Sr. Machado»—Você se me quer bater, venha para a porta de meu pae que móra no quartel dos marinheiros. Viva...

«O outro»—Viva...

2.° quadro

Cafés quentes

«Um»—(a amparar a «Brazileira»): O que é preciso e unir-se isto tudo. A nação precisa de repouso e de muito trabalho...

«Outro»—Ahi é que está, nada de paixões; para isso bastam os peixões... Agora nós a seguirmos politicas pessoaes...

«O 1.°»—Quem a faz mais que o Affonso Costa?

«O 2.°»—Pois sim, que o Camacho não leva a agua ao seu moinho muito bem...

«O 1.°»—O Camacho é um homem de bem; ao passo que o Affonso...

«O 2.°»—O que é que é o Affonso? Diz, que lambes um sôcco nas ventas já...

«O 1.°»—E' um malan... (Tau. Leva um em cheio nas ventas, engalfinha se no outro, e lá vão apregoar «união» ao Governo Civil).

3.° quadro (apotheose)

Quente: quente: a escaldar...

(A scena passa se no Roçio; immensa gente corre gesticula, berra; parece o João Franco a chegar da sua triumphal viagem ao Porto. Ha apupos, assobios, bengalas e mãos no ar, callos pisados, cóllos apalpados, um inferno.)

«O Compére»—O que vae alli que attrae esta gente toda?

«A Commére»—Filho, é a politica... d'attração.

(Cae o panno muito zangado)

2.° acto 1.° quadro

Prata da casa

«O redactor P. L.»—(Contando a um grupo)—Então, disse aos rapazes que alli estavam. Vamos a elle. Agora é que e occasião para o Affonso ficar livre d'este gajo.

E zás! Atraz de nós já vinha immensa gente; Quasi que lhe ia dando um sôcco. Caramba! (pausa) Bem. Agora vamos escrever um artigosito para amanhã. (senta-se a escrever).

2.° quadro

O artigo

«O caso d'hontem»

Hontem pelas 9 horas da noite deu-se um caso que sobresaltou todos os bons portuguezes e amigos da união na velha familia republicana. Foi o caso do dr. Cabello Vermelho passar no Rocio. Uma horde d'arroceiros, indignos da patria que pisavam, sem eira nem beira, caras patibulares, tentou macular a candura e a belleza d'aquelle tribuno. Só temos a lamentar o facto que só traz dissabores, precizando escorraçar depressa do nosso seio essa caballa infame.

P. L.

3.° quadro

N'outra redacção

«Um director»—Então que tal a venda?

«Um outro»—Baixou 500 exemplares.

«O 1.°»—O diabo! Quasi que não se pode ser Antonista. A'manhã, ó rapaz, faz um artigo elogiando a Lei da Separação; e a união do partido. Isto não vae bem assim, é preciso vender o jornal!

(Apotheose)

(O sr. Bernardino rodeado de meninos que cantam a Sementeira diz para um reporter:)

—Faz favor, meu amigo vae amanhã entrevistar-me e avisa me d'alguma manifestação hostil, para eu apparecer a tempo, sim? Depois de Judas, Christo é sempre estimado!

(Cae o panno sorrindo)

3.° acto 1.° quadro

A entrada do Colyseu (1. sessão)

«Um congressista»—O que nos vale é que nós estamos ainda unidos como dantes. Nada de faccciosismos. A união faz a força...

«Um segundo»—Bravo, assim é que é. Nós ao menos vê se logo que somos do Centro Radical! (a um 3.°) Olhe que se você é «blocard» vê uma bruxa comnosco. Aqui quer-se a união!

2.° quadro

A união

«O Sr. Affonso» (fallando): Não fomos nós que nos afastamos da velha norma. Continuaremos e tal e tal (dura duas horas e no fim). Viva a Republica.

«Todos»: Viva! Viva o Affonso! Vivam os radicaes!

«O sr. Innocente Camacho» (fallando): Não fomos nos que nos afastamos da velha politica... etc.

«O sr. Bernardino» (muito córado, àparte): Ai... ai; que d'aqui a pouco veem as verdades... e lá..« valha-me Deus... d'aqui a quatro annos...

«O presidente» (fallando): Viva a união do partido!

«Uns» Viva!

«Outros» Viva o sr. Affonso Costa! Abaixo os thalassas que não são da nossa opinião!

«O sr. Brito» (pondo o seu chapeu chic): Viva eu! E viva o meu partido. (grande confusão, uns saem, outros ficam, uns «vivam», outros morram, uns «abaixam»... um ceu aberto)!

3.° quadro

Tout est bien qui finit bien

«O Sr. Bernardino» sorrindo: Minhas senhoras, meus meninos. Felizmente para nós todos, tenho a participar-vos que hoje no congresso que findou, tudo ficou em paz e harmonia, continuando o partido republicano como sempre, ás vossas ordens. Viva pois o unido republicano!

«Todos»: Viva!

«O Zé»: E' verdade, tio; unido e... mal pago...

(Cae o panno a pedaços)

Ora o malcreado!

O Sr. Jean Jacques, dos Ridiculos, diz que se deve concorrer para a elevação do paiz, cada um no seu meio.

No seu, no seu, que é maior!

AO DR. MEYRELLES LEITE

Condemnado em 20$000 reis de multa por ter processado «O democrata» Carlos Garcia que a Relação mandou em paz, apesar de se ter encontrado este melro com armas e muuições no Limoeiro.

Você então processa um innocente,
Que foi cahir nas malhas da desgraça,
Republicano que era intransigente,
Mesmo antes de havêr papas de linhaça?

Diga lá: Isso é coisa que se faça?
Nem no paiz dos cafres se consente!
Processar democratas ferozmente...
Você é um grandissimo thalassa!...

Fizeram muito bem em condemná-lo!
Largue os vinte mil réis, que é um regálo!
Em paga do erro vil que praticou!

O tal Carlos Garcia, esse doutor,
Nunca foi, nem será conspiradôr!
Quem o é, é voce que o processou!...

Viva a União

Só por absoluta falta de espaço, somos forçados a retêr um interessante artigo do nosso presadissimo amigo e collega Chacon Siciliani.

O GRANDE ELIAS

Aquelle Elias de Grandola, que ha bem perto de 25 annos anda para apresentar o seu projecto do novo codigo administrativo e que nos parece verá a luz do dia n'essa manhã da chegada de D. Sebastião, acaba de deitar ás columnas do jornal do seu genro «A Lucta», uma lascasinha d'um artigo do tal codigo. Vejamos:

GRANDOLA, 1.—Um partido republicano unico, com directorio, é incomprehensivel n'um Estado republicano, com poderes constituidos. O novo directorio, pois, só poderá representar e dirigir o grupo politico que o elegeu. Aspirando a mais só servirá para perturbar a administração nacional. Tal é a minha opinião, que pode tornar publica.—«Jacintho Nunes».

O diabo é o sr. Jacintinho do codigo administrativo para nascer ha 25 annos. Porque não mandou esta lascasinha d'oiro para o thalassa Caracoles? Para a «Lucta» do genro, foi calinada seu Elias!

O HOMEM E O ESTADISTA

Depois de nos revermos com aquelle extasis que tanto celebrisou o auctor do notavel quadro «Diane et Endymion,» na coruscante prosa que em successivos artigos tem lançado á admiração das gentes da luza politica o dr. Antonio José d'Almeida, abeiramo nos do maravilhoso invento do sabio russo Rosing, «O olho Electrico,» não para descobrir o fundo dos mares ou a crosta terrestre, mas as profundidades da philosophia espalhada por aquellas lascas de prósa do fogoso Mirabeau de que já hoje nos falla a historia da revolução que redimiu um povo e abriu de par em par as portas para o seu caminho de luz e de rejuvenescimento. O «Olho Electrico,» muito pouco ou nada mesmo nos deixou descobrir a fóra muito sentimentalismo, muitissimo patriotismo e, talvez mais philosophia que sã doutrina do que tanto necessita n'esta hora aguda e perigosa da nossa vida politica, este bom, este incomparavel e soffredor povo portuguez que, tem tantos altruismos, tão nobres sentimentos, que causa dó vêr como esses orientadores de pechisbeque, lh'os despresam em vez de lh'os canalisarem com a gran deza dos ideaes tornando-nos um povo sabedor dos seus direitos mas bem melhor comprehendedor dos seus deveres!

Nos successivos artigos, que ultimamente tem publicado no seu orgão «A Republica,» o fogoso Mirabeau Antonio Zé, apenas nas suas entrelinhas nos apparece de vez em quando, aquelle homem terra a terra, aquelle bem intencionado destruidor do edificio onde habitava o descredito e a fallencia (que se nos chegou d'elle a abeirar) mas que o gesto de 5 d'outubro, levou de vencida envolto no pó das suas mizerias e dos seus crimes. Não basta, é pouco, muito pouco mesmo o que o dr. Almeida tem dito nas columnas do seu jornal, a sua philosophica rhetorica, batendo na pédra do sentimentalismo, á procura do applauso popular, e ainda, a bater á portaria do prestigio que o vento da lenda lhe levou, nem a rhetorica, com toda a força da sua eloquencia, teve o prestigio de destruir os odios e a ira popular que pesa aos hombros d'aquelle fogoso Mirabeau que, não teve a coragem de dizer aos seus companheiros nos Banhos de S. Paulo, que não possuia a envergadura e ainda o que é mais—a vastidão de conhecimentos que deve ser a bagagem de todo o mortal que tem os destinos d'um paiz e d'um povo á sua guarda! Ora, acima do momento solemne, que se apresentou perante o fogoso tribuno, estava o futuro da republica, e esse futuro impunha ao dr. Almeida, o grande, o imcomparavel dever, de qual peregrino, marchar de sacola ao hombro e bordão na mão, a caminho do norte do paiz, levar á multidão obcecada pelo prestigio do padre cura, a luz da verdade e a sacratissima doutrina da democracia, fazendo assim, raiar n'esses reconditos cantos do paiz — a republica!

E como se ainda bem pouco fosse, o crime de se sentarem nas cadeiras do poder, os que gravissimos compromissos tinham com o anonymo que educaram para a destruição, afastou se a orientação da construcção, e apenas se limitaram durante mezes, a embriagarem-se, lá do alto da varanda que sustinha o seu throno de eburneo, com os accordes da «Portugueza» e as delirantes aclamações do inconsciente povo que sedento de justiça, nem ao menos pensava na degradante herança legada no momento historico de maior perigo de toda a vida politica dos ultimos oito seculos; e assim, levaram o seu tempo a cantar em hymnos de victoria o triumpho d'uma revolução! Mas não admira que o povo essa criança eterna, se deixasse apoderar da embriaguez que lhe trouxe a implantação da republica—o que é para lamentar, é que os que se dizem intellectuaes, os que tendo o pesadissimo fardo da governação, os que sabendo a degradante situação economica, financeira e colonial de Portugal, fossem exactamente, os que mais contribuiram para tanta e tão continua festança.

Passada aquella efervescencia propria das victorias, o povo, o que viu? O decreto do divorcio! emquanto que o da Separação das Egrejas do Estado, ainda foi para a fabrica; as escolas fechadas porque a nação não tinha dinheiro, não viu o codigo administrativo, não viu a lei eleitoral; finalmente, viu que os seus idolos nada tinham preparado para a governação do paiz. Viu successivas reformas sobrecarregando o erario publico, viu escandalosas nomeações, viu os grands signeurs da republica, n'uma luta vergonhosa; viu ainda verdadeiros nescios nomeados deputados, e teve a prova eloquente de que o fogoso Mirabeau d'hontem, tinha dado logar ao pessimo estadista que, fallando-os em Duprat n'um sentimental artigo, provou conhecer bem pouco de Gustavo le Bon e se assim não fôra—o sr. dr. Almeida, não decretaria a liberdade da gréve a poucas horas de existencia da republica n'um paiz de famintos e de analphabetos.

(Continua)

ARIEJNARAL

Doidices!

O Rei de Hespanha teve uma herança de quasi 500 contos, mas já se diz que o homemsinho que lhe deixou a massa era doido.

Na verdade foi uma doidice... não o roubarem antes de morrer!

O' Diniz larga os bigodes!...

O Padre Carvalho
Armou um banzé:
Não quer ver bigodes
Aos cantor's da Sé!
E' tal a chiada,
Tal o salsifré,
Que parece um padre
A cheirar rapé!
Diz elle, o masmarro,
Que se vem maré,
Os pobres bigodes
Corre a tirapé!
Tal bulha não fazem
Pretos da Guiné!
Ora o cara d'asno!
Ora o chimpanzé!
Ora o pato bravo!
Ora o jacaré!
Até apetece
Dar-lhe um pontapé!
Parece uma sacca
D'assucar pile!
Devias ser, padre,
Mettido em café!
Ou ires, descalço,
Pisar burrié!
Deitarem te o fogo
Com um buscapé!
Comerem te ás lascas,
Feito em fricassé!
Era este o castigo
Que te dava o Zé!...

Ainda o Congresso Republicano

Já em todos os recantos d'este lindo Portugal, é conhecido «o veredictum» da magna assembleia que estava representada por filhos de todos os pontos do paiz, tambem, a ninguem é dado ignorar, quanto amor pela causa da republica vae por essas cidades, por essas villas e aldeias; quanto ardor e quantos sacrificios, estão a postos para a hora que a patria esteja em perigo, ou o que é mais syntomatico—para o momento em que a lucta entre os conquistadores do prestigio e da popularidade, tragam a desorientação a este povo sonhador, a este povo sentimental mas heroico e feroz na hora decisiva do perigo e da lucta.

Em congresso algum, vimos tanta união, tanta solidariedade e tanto ardor pela republica!

Não foi uma simples facção d'um ideal, foi um partindo que deliberou, que resolveu, por isso, acatamos em nome da sua soberania, as suas resoluções como se nossas fossem. A assembleia, com uma opinião esmagadora, resolveu entregar os destinos do velho e historico partido republicano, a um directorio a quem incumbiu um dos mais pezados encargos a — união dos elementos intellectuaes um tanto ou quanto perturbados com o gemido da onda da popularidade e do prestigio que alguns veem fugir-lhe com o vento do regresso da onda ao mar!

Sem cotteries, afastados de tudo quanto seja individualismo, demagogia ou amigos do diabo, estamos ao lado do povo e dos que desinteressada e lealmente trabalharem pelo bem d'essa terra que afinal é a patria de todos nós.

Achamos pouco!?

Já repararam, nos civicos que rondam o lado occidental do Rocio? Pois, admirem todo aquelle aparato bellico que devem gostar.

No quarteirão onde está installado aquelle club da má lingua, a que chamam Café da Brazileira, rondam 12 civicos (?) e no quarteirão da succursal do «Seculo», 6 civicos.

E vejam, o restante da cidade á merce dos amigos do alheio.

E' caso para dizermos—depois de burro morto cevada ao rabo! Somos de opinião que devem postar ali um esquadrão de cavallaria. E tudo isto por causa dos «menenrs» e dos cabotinos.

Valha-nos a Senhora d'Agrella...

Mais uma

Acaba de se constituir uma commissão de devotados republicanos, admiradores do talento e mais partes que ornam o valoroso cidadão Innocencio Camacho, para por meio de subscripção, offerecerem ao talentoso e ardoroso republicano historico (?) uma bacia d'oiro, destinada á mezinha de cabeceira de tão preclarissimo membro do fallecido directorio e um dos mais heroicos luctadores de 5 d'outubro.

Achamos muitissimo justo... preto tambem ser gente! Então, é só o sr. Affonso Costa que apanha tinteiro rico e Antonio Zé uma escrivaninha!

E vivam os brindes.

A DANÇA DA... "LUCTA„

Composta de 7 figurantes: (**Zé Billião, Janéca de Mezes, idem de Feitas, Incenso Camá...chó, Callos Callitos** e **Zé Bribosa** sob a direcção de **Manéca Macho.** Sae da «bica» esta acreditada dança que já tem entrado em varias danças ... politicas

Viseira carregada

Certos politicos continuam de todo insupportaveis para não desmerecer do conceito em que são geralmente tidos os que á politica se entregam. Pega-se em qualquer jornal e tal é o desafôro e a politiquice, que a breve trecho semos forçados a pô-lo de parte. Ha dias a «Republica» insinuava por forma verdadeiramente impropria que o sr. dr. Bernardino Machado ia ao Brazil fazer conferencias pagas por determinado emprezario.
Em linguagem vulgar costumam-se classificar estes procedimentos um pouco duramente. Não sejamos nós quem o faça. Mas obedecendo á indole d'este jornal e d'esta secção, não fugimos ao dever de verberar processos taes de fazer politica.

E não deixaremos sem pretensões a ensinar os srs. politicos, dizer a s. ex.ª que não é assim que se faz politica, nem assim é que ninguem se defende de quaesquer ataques, sejam elles justos ou injustos. E por vir a proposito cá fica tambem o nosso reparo ao modo pouco coherente como na «Republica se falla do Povo e aos nomes que lá se applicam aos individuos que commettem o terrivel crime de não gostar da politica de... attracção. Vamos lá que o sr. Antonio José não necessitou de muito tempo para se esquecer dos nomes bombasticos e laudatorios com que captava a quasi adoração que chegou a usufruir por parte do Zé Povo.

Vê-se que temos metarphose no modo de pensar do ex-ministro do Interior que valha a verdade, é por todos justamente considerado como espirito são, justiceiro e desinteressado.

Mas, talvez se lhe possa applicar a phrase que no jornal de S. Ex.ª applica, não percebemos porquê, aos cavalheiros que acompanham e defendem a politica do Dr. Affonso Costa. «Ha companhias que estragam e que desencaminham.» Andará o sr. Almeida mal acompanhado ou mal aconselhado?

Ou terá ao seu serviço escriptores pouco escrupulosos na forma de atacar ou defender?

ARTHUR NEVES

♣

A proposito

Veio a talhe de foice, a local que a «Republica» publicava ha dias e que gostosamente vamos reproduzir aqui:

«Carece-se d'um homem de prestigio!

O emprezario Luiz Galhardo, declarou a um redactor do «Mundo» que toda a colonia portugueza do Rio de Janeiro concorda em que é necessario a ida ao Brazil d'um homem de prestigio desenvolver uma activa propaganda».

D'onde se conclue que não foi o sr. Alexandre Braga esse «homem de prestigio», razão por que ha já quem lembre o sr. dr. Bernardino Machado. A constatação feita por quem a faz não pode ser mais insuspeita.»

Vejam caros leitores, no que se entreteem os homens que se julgam com estofo para estadistas.

Occupam as columnas dos seus jornaes com mizerias d'esta ordem, e deixam os graves problemas taes como: a questão economica, financeira, colonial, e a da instrucção á matroca. E é assim, que elles querem consolidar a republica e instruir o povo.

Basta de mizerias.

Silva Pinto

Quando nos dispunhamos a tratar da rara creatura, que pelo seu peregrino talento obteve no pinaculo da honra e da gloria, o logar proeminente de litterato brilhante, esse obreiro primoroso das letras que conhecemos á tantos annos no Porto, e que suppunhamos abrigado as contingencias que nos traz a vida de lucta para angariar uma fatia de pão, surge-nos a noticia da sua morte; como se a morte, podesse assim aniquilar um gigante tão poderoso, cujo espirito scintilante quasi d'um infinito saber, tanta luz irradiou no vastissimo campo do saber humano! E foi-se para a grande viagem, tendo por corôa de gloria do seu muito saber e por louros da sua lucta tenaz na irradiação da sua lingua, no enriquecimento da litteratura, o braço da miseria, tributo dos que como Silva Pinto, abrem ás gerações as montanhas da sciencia e da litteratura, esses preciosos e rutilantes diamantes da intelligencia humana para os quaes elle foi um dos raros mineiros.

Silva Pinto, morreu pobre e abraçado pela miseria, vai repoisar n'um oitavo de terra como se fôra um anomymo, um simples viandante, um bastardo da intelligencia que, passou por esta estrada de mizerias e de illusões a que chamam a vida! O gigante da litteratura, pereceu abraçado á fome e á ingratidão dos homens; o pygmeu, o inutil, que a felicidade bafejou com o oiro das suas graças, vae repoisar num palacio de marmore!

Tardia chegou a consideração da humanidade para o grande mineiro da litteratura, para o grande portuguez Silva Pinto — que ao menos descance em paz.

Em paz!... como o grande Herculano, no seu **Immortal Eurico** tambem direi agora:

«Haverá paz no tumulo?»

Deus sabe o destino de cada homem. Para o que ali repousa sei eu que ha na terra o esquecimento!

Eis, o que é a missão dos obreiros da litteratura — mizeria e esquecimento!

R. LARANJEIRA (ARIEJNAFAL)

Salão Chantecler

Abriu este novo animatographo que nos apresenta fitas falladas. Longa vida e muitos espectadores é o que desejamos.

♣

MORALIDADE!!!...?

Um leitor do «Seculo» lembra a conveniencia de se fundar uma liga de educação moral. Parece nos util indicar-mos alguns requisitos a que deveriam obedecer os pretendentes a socios:

—Ter estado nos calabouços do Limoeiro, Governo Civil e Boa Hora.

—Frequentar os passeios onde se juntam os meninos da baixa.

—Intrometter se com varinas.

—Passeiar na Avenida á noite.

—Ter ido vêr uma revista.

—Ler os jornaes diarios.

Etc., etc.

Veriam como sahia uma liga mais moral que a do dr. Anaquim.

Dr. Mello Breyner

Após uma longa viagem de estudo e descanço pela Allemanha, Belgica e França, onde foi tambem investigar dos progressos do maravilhoso invento do sabio allemão — o **606**, a que Mello Breyner, o nosso primeiro syphilogo, cuja reputação de sabio tambem é acatada pelos eminentes medicos estrangeiros, tanto se tem devotado, acaba de reassumir o seu alto cargo de director da clinica especialista no hospital do Desterro onde, vem prestando relevantes serviços á humanidade.

O illustre medico, foi alvo d'uma carinhosa manifestação de apreço e estima, á chegada do Sud express, pelos numerosos amigos que aguardavam a sua chegada e de sua gentilissima filha.

Cantigas populares

Para as meninas contarem ao piano. Musica, a mesma,

Puz-me a brincar de joelhos,
Para não sujar o fato;
Leventei-me, dei dois sôccos
Na focinheira d'um gato!

Cantada pelo sr. Antonio Zé na estação do Rocio por occasião da sua partida para o norte.

Renégo a «pórca di a vida»,
Esta pepineira toda;
E, já que vou de partida,
Quem cá ficar, coma a bôda!...

Cantada á gaby pelo D. Manuel ha coisa de 15 dias.

Rica filha, aperta as armas
Que o vigôr é tods nosso!
Por alma dos teus defuntos,
Conspira tu que eu não posso!

Ao correr da fita

—Está boa, visinha?

—Menos mal, obrigada! Um pouco incommodada com uma coisa que succedeu na familia.

—O que foi?

—Imagine a visinha: Enthusiasmado por andarem a vender a lei do divorcio a vintem, meu irmão comprou uma e arranjou tamanho sarilho que conseguiu divorciar-se!

—O quê? A mulher éra-lhe infiel?

—Não visinha, pelo contrario. Era muito fiel. Tanto que pendia para ambos os lados; para o lado do meu irmão e para o lado do outro...

—Então houve razão...

—Muita! Aquillo não era minha cunhada, era uma desavergonhada!

Mas elles tinham um filho...

—Isso e que foi o diabo. Não sabiam quem tinha direito á posse da criança!

—Só partindo a ao meio...

—Fallou-se a juises, advogados, foi-se aos ministerios, foi-se ao Tribunal da Honra, foi-se á honra do Tribunal...

—E depois?

—Só ao fim de muitos dias de espera se soube...

—O quê?

—Para onde devia ir o rapaz! Se devia ir para casa do pae ou para a casa da mãe.

—Naturalmente, ficou em casa do pae.

—Não; ficou na da mãe...

Picuinhas politicas

Partiu em viagem de propaganda o ex-ministro do interiôr, que nas provincias do norte semeará bastantes punhados de ideias e fará induzir em muitas centenas de cidadãos uma figuração mais perfeita da Republica.

Faz muito bem o sr. Antonio José de d'Almeida. A sua palavra fluente e dominadora que a estrada da «politica de facto» certamente não empoeirou, ainda possue electricidade bastante para os cêrebros atarracados das montanhas se abrirem para recebê-la.

Faz um béllo serviço á Democracia o sr. Antonio José d'Almeida; vae preparar o terreno para que esses cerebros se embebam de ideias mais retintamente democraticas do que as d'elle.

*

O sr. Dr. Bernardino Machado rematou um discurso com a phrase célebre de Thiers: «A Republica ou hade de sêr conservadôra ou deixará de existir.»

Não se percebe a razão que levou o illustre sr. a adoptar esta ordem de pensamentos. Certamente foi gralha cerebral. O sr. Dr. podia, com a devida venia ao defunto homem de estado francêz, alterar levemente a phrase e pronunciá-la assim.

«A Republica ou ha de sêr conservadôra»... da soberania nacional... «ou deixará de existir.»

*

De Pias dizem á «Republica» que «é profunda a indignação contra a arruaça de que foi victima o sr. Antonio José d'Almeida.»

Não contestamos a sinceridade d'estas palavras, mas quer-nos parecêr que a indignação de Pias não deverá sêr muito aromatica.

Em todo o caso mais vele havêr indignação em Pias de que partimos um perna.

BONNE.

♣

NA SALA DO RISCO

Diz-se que o julgamento dos conspiradores se realisará na sala do risco do Arsenal de Marinha.

Uma coisa tão fina para uma malta d'aquellas!

Façam o julgamento na carroça dos cães!

♣

E' tudo assim!!

Levantou-se o Carmo e a Trindade, proclamando aos quatro ventos a immoralidade do projecto das multas aos conspiradores.

E segundo reza a sabedoria das nações, (embora tal sciencia seja o que de mais imbecil conhecemos) a maioria é a soberania, pois a tal maioria, condemnando a applicação das multas, approva a constituição d'um tribunal especial, demonstrando a evidente inepcia do tribunal ordinario.

N'esta ordem de ideias, parece que as nomeações dos juizes, deveriam recahir em magistrados especiaes, pois não senhor —o governo do sr. João Chagas, acaba de nomear o juiz do 2.º districto da comarca de Lisboa, dr. Miguel Horta e Costa, para o tribunal especial (?) que ha de julgar os conspiradores.

Bolas e muitas bolas para tudo isto! E que nos dizem agora, a esta coherencia governamental e santa bexiga da politiquice?!

Bojardas

—

—Que foi, menino? Porque chora tanto?

—Perdi... perdi... meu... pae...

—Vejam que desgraça! Tambem como é que se entrèga um pae a uma creança d'estas!!!

—

Um sujeito que acompanhava o enterro da sogra ia assobiando. Alguem observou-lhe:

—Que diabo! tenha um pouco de compustura!

—Porquê?

—Porque está assobiando...

—E' verdade, mas é... uma marcha funebre!!

—

—Emquanto esteve em Paris viu guilhotinar alguem?

—Vi.

—E essa pessoa esteve com sangue frio até ao fim?

—Isso esteve ella! Até porem-lhe a cabeça no buraco ainda esteve com algum sangue frio mas depois... perdeu a cabeça!

—

—Ali vae o Antonio.

—Não póde ser. O Antonio morreu a semana passada.

—Tens razão, porque mesmo se fosse elle, iria de... luto!!

—

—Um careca querendo-se fazer engraçado com um corcunda disse-lhe:

—Que levas n'essa moxila?

—Um embrulho com todos os teus cabellos!!

—

Um empregado do ministerio das Finanças, foi com licença passear para a America.

Um dia indo banhar-se longe da cidade onde estava, perguntou a um indigena que ia com elle o motivo porque ali não havia crocodillos.

—E' que teem medo dos tubarões, responde-lhe elle!!

Chegou o inverno!

Oh! meninos chegou o inverno! Elle ahi está com o seu cortejo de taró, chuva, nevoeiro, lama, pernas á vella, peliços, regalos etc. e tal não faltando todos theatros abertos e regalando-se ipso facto o publico com bons espectaculos. Vamos lá desfiar a lista do que ha para o bom burguez ir apreciar seguidamente a um jantar suculento regado de bons vinhos e o Zé-pagante ir distrahir as suas maguas, as suas tristezas e as suas dividas. Começaremos pelo **Teatro da Republica** que está dando espectaculos soberbos o que não admira pois que as peças que teem ido á scena n'aquelle palco são excellentes. Vê-se ali representar com consciencia, ouve-se bom portuguez e desfructam-se pêgas de estalo que em grande numero concorrem aos espectaculos do **Republica**. Tambem se passam noites agradaveis no **Coliseu dos Recreios** que continua com a sua magnifica companhia de circo, dirigida por Leonard Parish, e que ora mais solidifica o seu sucesso cada noite que passa. As ultimas estreias foram sem duvida soberbas acquisições para a companhia.

Como todos sabem o «Chico das Pêgas» no **Apollo** nunca mais acaba. Já não é a primeira nem a segunda vez que nós lá vamos e que lemos na bilheteira o distico «Não ha bilhetes na casa». Bem nos disse outro dia o Manel Faneca (quem quizer saber o que é que elle nos disse compre o numero d'«O Zé» em que publicamos a entrevista que s. ex.ª nos concedeu).

A Trindade onde Palmira Bastos sempre distinta continua deliciando o publico, tem tido casas de primeira ordem ou não estivesse lá o Gomes, o Gomes que todos vocês conhecem: o Cepa-torta, o Ventas de patrulha.

E já agora subamos a escada e digamos que o **Salão da Trindade**, a quem cabe a honra da introdução em Lisboa das fitas genero Escrava branca, tem um sexteto explendido sendo até pena que o nosso publico tenha tão depreciado o gosto musical. Dirigido por Caggiani, um rabequista como ha poucos, afinadissimo e sabendo da poda, não é favôr nenhum que digamos que poucas vezes se ouvem programas musicaes em casas de espectaculos congeneres como os actuaes do **Salão da Trindade** onde se lêem os nomes dos primeiros auctores musicaes.

Felicitamos sinceramente a empreza pela organisação d'um tão belo sexteto e só dizemos a verdade quando afirmamos que já lá temos ido de proposito para ouvir a soberba musica que lá se faz. Descendo á rua e caminhando para o Chiado encontra-se o **Gymnasio** que os senhores conhecem muito bem. Ora que está você a franzir o sobr'-ôlho: então não se lembra d'aquelle theatrinho pequenino onde Valle é o «senhor» e que tem sempre em scena peças com piada? Ah! ora vê que sabe muito bem onde é. Pois se eu tenho a certeza que você vae lá imenso: ou não fosse você amigo da boa chacota. O **Moderno** «Perdeu... a falla»... fallando. E verdade, acreditam.

Reabriu agora com uma revista de Avelino de Souza e musica de Luz Junior. Nas **Variedades** o «Peço a Palavra» e no **Infantil** a petizada continua agradando muito. Coitaditos! vocês já os virãm? Olhem que vale a pena. São tão engraçaditos os demonitos. (Oh! meninos a «modes que estou... Bernardino Machado) E agora vá lá duas palavras sobre os animatographos.

para as sepeiras e meninos do Gêlo lêrem

Vá lá, vá lá, que vocês gostam. Bem. Comecemos:

No **Chiado Terrasse**... oh! meninos demais sabem vocês o que lá se passa pois se vocês vão lá todos os dias. E' ou não verdade, oh! Carreira? Que no **Olimpia** ha um septimino de primeira tambem já não ha sopeirinha, redondinha, moreninha ou loirinha que não saiba. Que o **Central** tem fitas explendidas, que o **Loreto** e o **Chantecler** teem fitas faladas que sempre agradam. Duas palavras. O **Chantecler** é no predio do Music-Hall e estreou-se ha pouco tendo já muita concorrencia devido á excellencia dos programmas. E que mais querem vocês que lhes diga? Uma grande novidade. Estamos organisando uma escola de escuridão entre todos os animatographos.

O DO COSTUME

—O «O do costume» pede desculpa das faltas ortographicas e passa a explica-l'as. Elle está a escrever e tão depressa concorda com a reforma como discorda d'ella e assim escreve primeiro ele com um «l» e depois com dois «ll».

ASSIGNADO POR ELLE (agora discorda)

Theatro Avenida

Com uma companhia de opereta dirigida pelo popular José Ricardo e de que faz parte Adriana Noronha, actriz nova mas já com grande sympatia no publico, os espectaculos deste theatro teem sido sempre concorridos e animados. Felicitamos a empreza e que continue.

Dois melros da republica!

A CHICA

A' meia porta encostada
Ganho a vida honradamente
Sempre á espera da cajada
Tal qual aquell' pingente.

O CHICO

Com a lyra sonorosa
Chegadinha ao coração
Eu canto á Chica Barbosa
Com boa voz e... pensão!